

ao pôr do sol

nora roberts

Tradução de Isabel C. Penteado

Para Jason e Kat, os melhores companheiros de viagem

PRIMEIRA PARTE

UMA VIAGEM

*Assim, quando uma febre violenta nos abrasa,
Movemo-nos de um lado para o outro sem pausa;
E é pouco o alívio que se consegue,
Quando mudamos de lugar, mas a dor permanece.*

— ISAAC WATTS

PRÓLOGO

— *Montana Ocidental, 1991* —

Alice Bodine aliviou-se atrás de uma fina cortina de pinheiros. Tivera de atravessar penosamente a neve que lhe chegava aos joelhos, para alcançar as árvores, e o seu rabo (com a libélula que havia tatuado em Portland) tremia ao vento que sussurrava como a ressaca das ondas.

Como havia percorrido quase cinco quilómetros seguidos pela estrada secundária sem ver um único carro ou camioneta, perguntou-se por que diabo se teria dado ao trabalho.

Alguns hábitos eram impossíveis de perder, pensou ela enquanto puxava as calças de ganga para cima.

Deus sabia que havia tentado. Havia tentado quebrar hábitos, regras, convenções e expectativas. Contudo, ali estava ela, apenas três anos depois da sua autoproclamada emancipação de tudo o que era habitual e normal, a caminho de casa com o rabo meio congelado.

Ajeitou a mochila sobre os ombros enquanto pisava as pegadas fundas que havia deixado para regressar à péssima estrada. A mochila continha todos os seus bens materiais, que incluíam outro par de calças de ganga, uma *t-shirt* dos AC/DC, uma *sweatshirt* dos Grateful Dead que havia despido a um tipo qualquer quando chegara a Los Angeles, algum sabonete e champô que havia gamado durante o período, felizmente curto, em que limpou quartos numa pousada em Rigby, no Estado de Idaho, uns preservativos, o seu estojo de maquilhagem, quinze dólares e trinta e oito cêntimos, e o que restava de um pequeno pacote de erva bastante aceitável que surripiara a um tipo com quem se havia divertido num parque de campismo na região leste de Oregon.

Havia dito a si mesma que rumava a casa por falta de dinheiro e porque não queria voltar a limpar lençóis manchados com o esperma de um cretino qualquer. E tinha noção do quão fácil seria tornar-se uma das mulheres de

olhar vazio que vira a prostituir-se nos passeios escuros de muitas ruas, em tantas cidades por onde havia passado.

Reconhecia que estivera perto disso. Quando se tinha fome, frio ou medo suficientes, a ideia de vender o corpo — afinal, era apenas sexo — pelo preço de uma refeição e de um quarto decente parecia razoável.

Mas a verdade é que, e havia vezes em que encarava a verdade, havia algumas regras que se recusava a quebrar. A verdade é que queria regressar a casa. Queria a mãe, a irmã, os avós. Queria o seu quarto, com os seus pósteres espalhados pelas bonitas paredes cor-de-rosa e as janelas com vista para as montanhas. Queria o cheiro a café e a *bacon* na cozinha pela manhã e sentir um cavalo a galopar sob si.

A irmã era casada; não havia sido o estúpido casamento, completamente *tradicional*, que a fizera partir? Que fora a última gota? Reenie podia até já ter um filho, provavelmente teria, e provavelmente continuaria a ser tão perfeita como sempre.

Mas até disso ela sentia saudades, até da irritante perfeição de Maureen.

Por isso prosseguiu mais um quilómetro, com o puído casaco de velocidade que havia comprado na loja beneficente Goodwill, e que mal a protegia do frio, e as botas que tinha há mais de dez anos a chapejarem na neve acumulada na estreita berma da estrada.

Ocorreu-lhe então que deveria ter telefonado de Missoula. Deveria ter engolido o seu orgulho e telefonado. O avô teria ido buscá-la, e ele nunca a reprendia. Mas havia-se imaginado a subir a passos largos a estrada de acesso ao rancho, talvez até de modo emproado.

Como tudo pararia, simplesmente pararia. Os trabalhadores do rancho, os cavalos, até o gado nos campos. O velho cão de caça, *Blue*, sairia a correr para a saudar. E a mãe apareceria no alpendre.

O regresso da filha pródiga.

O suspiro de Alice soltou um bafo quente, imediatamente levado pelo forte vento frio.

Ela sabia que não seria assim, havia-o *sabido*, mas a boleia que arranjara em Missoula parecera-lhe um sinal. E deixara-a a menos de vinte quilómetros de casa.

Podia ser que não chegasse antes do anoitecer e isso preocupava-a. Tinha uma lanterna na mochila, mas as pilhas eram de má qualidade. Tinha um isqueiro, mas a ideia de acampar sem tenda nem manta, sem comida e sem a água que havia acabado há mais de três quilómetros fê-la prosseguir com maior determinação.

Tentou imaginar o que lhe diriam. Ficariam felizes por vê-la; não podia deixar de ser. Talvez estivessem zangados com ela devido à forma como se havia ido embora, deixando apenas um bilhete pretensioso. Mas tinha dezoito anos na altura, idade suficiente para fazer o que queria, e não quisera a universidade, nem a prisão do casamento, nem um trabalho de treta no rancho.

Quisera liberdade e fora em sua busca.

Agora tinha vinte e um anos e regressava a casa por sua *escolha*.

Talvez não se importasse assim tanto de trabalhar no rancho. Talvez considerasse até inscrever-se nalgumas cadeiras da universidade.

Era adulta.

Os dentes da adulta queriam tiritar, mas ela não parou. Tinha esperança de que os avós estivessem lá; e sentia a culpa corroê-la porque não tinha absoluta certeza de que a avó e o avô ainda estivessem vivos.

Claro que estão, garantiu Alice a si mesma. *Passaram-se apenas três anos*. A avó não estaria zangada, pelo menos não por muito tempo. Talvez a repreendesse. *Olha como estás magrinha! Que diabo fizeste tu ao cabelo?*

Divertida com a ideia, Alice puxou o gorro sobre os curtos cabelos que havia oxigenado o mais possível. Ela *gostava* de ser loura, gostava da maneira como a cor mais sedutora destacava o verde dos seus olhos.

Mas, acima de tudo, agradava-lhe a ideia de ser envolvida num dos abraços do avô, de se sentar para uma refeição farta — faltava pouco para o Dia de Ação de Graças — e de relatar as suas aventuras à sua empertigada família.

Tinha visto o Oceano Pacífico, pavoneara-se por Rodeo Drive como uma estrela de cinema e trabalhara duas vezes como figurante num filme a sério. Talvez conseguir papéis em filmes a sério se tivesse revelado muito mais difícil do que havia imaginado, mas ela tinha *tentado*.

Provara que era capaz de estar sozinha. Podia fazer coisas, ver coisas, experienciar coisas. E, se a chateassem muito, podia fazer tudo de novo.

Irritada, Alice pestanejou e limpou as lágrimas que lhe inundavam os olhos. Não suplicaria. Não suplicaria que a aceitassem de volta, que a acolhessem.

Céus, só queria estar em casa.

O ângulo do Sol dizia-lhe que nunca conseguiria chegar antes de anoitecer e ela sentia o cheiro a neve fresca no ar. Talvez... talvez se cortasse caminho por entre as árvores, pelos campos, conseguisse chegar à casa dos Skinner.

Parou, cansada, indecisa. Era mais seguro manter-se na estrada, mas se seguisse pelos campos, cortaria quase dois quilómetros. Além disso, havia

um par de cabanas, se conseguisse recordar-se do caminho. Tinham apenas o essencial, para quem gostava de passar férias na natureza, mas podia entrar numa delas, acender uma lareira e até, quiçá, encontrar alguma comida enlatada.

Olhou para a estrada aparentemente interminável e depois para os campos nevados, para as montanhas de cumes cobertos de neve que se erguiam em direção a um céu que o crepúsculo e neve iminente pintavam de azul-acinzentado.

Mais tarde, Alice recordaria aquela indecisão, aqueles poucos minutos de hesitação sob o vento cortante na berma da estrada. Os poucos minutos que haviam antecedido o primeiro passo em direção aos campos, às montanhas, que a conduziria para o interior das sombras alongadas dos pinheiros e para longe da estrada.

Embora fosse o primeiro barulho que ouvia em mais de duas horas — para além da própria respiração, das suas passadas, do vento a sussurrar por entre as árvores —, Alice não se apercebeu inicialmente do ruído de um motor.

Quando o fez, regressou apressadamente através da neve e sentiu o coração dar um salto quando avistou a *pick-up* que circulava na sua direção.

Avançou e, em vez de espetar o polegar como havia feito inúmeras vezes durante as suas viagens, agitou os braços em busca de auxílio.

Podia ter estado ausente três anos, mas nascera e fora criada no campo. Era uma habitante do Oeste americano. Ninguém ignoraria uma mulher a pedir ajuda numa estrada solitária.

Quando o veículo parou, Alice pensou que nunca havia visto nada mais belo do que aquela desbotada *Ford* azul com o seu suporte de espingardas, a caixa coberta com uma lona e um autocolante com «VERDADEIRO PATRIOTA» no para-brisas.

Quando o condutor se inclinou e baixou o vidro da janela, ela teve de combater as lágrimas.

— Parece que precisas de ajuda.

— Dava-me jeito uma boleia. — Alice dirigiu-lhe um sorriso fugaz enquanto o avaliava. Precisava de boleia, mas não era parva.

O homem usava um casaco de carneira, que já tinha alguns anos, e um chapéu de *cowboy* sobre o curto cabelo escuro.

Bem-parecido, pensou Alice; coisa que sempre ajudava. Mais velho; teria, no mínimo, quarenta anos. Os seus olhos, também escuros, pareciam bastante amáveis.

Ela podia ouvir o ritmo da música *country* que tocava no rádio.

— Para onde vais? — perguntou ele naquela maneira de falar arrastada de Montana Ocidental, que também parecia música.

— Para o Rancho Bodine. Fica...

— Claro, eu conheço a casa das Bodine. Vou passar por lá. Entra.

— Obrigada. Obrigada. Agradeço imenso. — Tirou a mochila das costas e puxou-a depois de entrar na cabina.

— Tiveste uma avaria? Não vi nada na estrada.

— Não. — Alice pousou a mochila aos pés, quase muda de alívio com o calor que saía da calefação da camioneta. — Venho de Missoula, consegui uma boleia, mas tiveram de desviar caminho há uns dez quilómetros.

— Percorreste dez quilómetros a pé?

Em puro êxtase, ela fechou os olhos quando os cubos de gelo que eram os seus pés começaram a derreter. — A tua é a primeira camioneta que vejo há cerca de duas horas. Nunca imaginei que teria de fazer o caminho todo a pé. Ainda bem que já não tenho de o fazer.

— Longa caminhada, principalmente para uma coisinha como tu sozinha. Vai escurecer em breve.

— Eu sei. Sorte a minha por ter aparecido.

— Sorte a tua — repetiu ele.

Ela não viu o primeiro. Foi demasiado rápido, totalmente inesperado. O seu rosto pareceu explodir com o golpe. De olhos revirados, tentou defender-se com bofetadas.

Não sentiu o segundo golpe.

Movendo-se rapidamente, radiante por a oportunidade ter simplesmente caído nas suas mãos, ele arrastou-a para fora da cabina e enfiou o corpo inanimado na caixa da camioneta, sob a lona.

Amarrou-lhe as mãos e os pés, amordaçou-a e cobriu-a com uma manta velha.

Não queria que ela morresse congelada antes de chegar a casa.

Ainda tinham uns quantos quilómetros de viagem pela frente.

Capítulo Um

— Hoje —

O dia despontava, róseo como uma rosa, tingindo de cor delicada as montanhas cobertas de neve. Os alces bramiam através da névoa na sua peregrinação matinal e os galos cacarejavam o seu insistente alarme.

Bodine Longbow saboreava o resto do seu café à porta da cozinha, para contemplar e escutar o que considerava o início perfeito de um dia de novembro.

A única coisa que poderia torná-lo melhor seria uma hora adicional. Desde a infância que desejava um dia com vinte e cinco horas, inclusive registara tudo o que poderia realizar com apenas mais sessenta minutos.

Como a rotação da Terra não a comprazia, ela compensava a falta dessa hora raramente dormindo para lá das cinco e meia. Quando o dia despontava, ela havia já realizado o seu treino matinal — precisamente sessenta minutos —, tomado um duche e vestido, lido *e-mails* e mensagens de texto, e tomado o seu pequeno-almoço de iogurte — que estava a tentar convencer-se a gostar com muesli, de que gostava tanto como de iogurte — enquanto consultava a sua agenda no *tablet*.

Como já sabia a agenda de cor, essa consulta não era necessária. Mas Bodine era uma pessoa meticulosa.

Agora que as tarefas pré-matinais estavam concluídas, podia parar por uns instantes para desfrutar do seu galão matinal — dois expressos, leite gordo e um esguicho do caramelo que prometia a si mesma que haveria de conseguir largar um dia.

O resto da família juntar-se-ia em breve; o pai e os irmãos depois de darem uma olhada no gado e de orientarem os trabalhadores do rancho. Visto que era o dia de folga de Clementine, Bodine sabia que a mãe entraria cheia

de energia na cozinha e, com a sua alegria, prepararia um perfeito pequeno-almoço típico de um rancho de Montana. Depois de alimentar três homens, Maureen arrumaria a cozinha antes de sair com a mesma energia para a Estância Bodine, onde era gerente comercial.

Maureen Bodine Longbow era um assombro constante para a filha.

Não só Bodine tinha absoluta certeza de que a mãe não ansiava pela tal hora extra por dia, como obviamente não lhe era necessária para concretizar tudo, para manter um casamento sólido e ajudar a gerir dois negócios complexos — o rancho e a estância — enquanto continuava a desfrutar plenamente da vida.

Quando refletia sobre isso, Maureen entrou como um furacão. O seu curto cabelo castanho coroava um rosto bonito como um botão de rosa. Os olhos verdes vivazes sorriram para Bodine.

— Bom-dia, minha querida.

— Bom-dia. Estás muito bonita.

Maureen deslizou uma mão por uma das suas ancas estreitas coberta com o elegante vestido verde-floresta. — Hoje tenho uma reunião atrás da outra. Preciso de causar boa impressão.

Abriu a velha porta corrediça da despensa e tirou um avental branco do cabide.

Não que uma gota de gordura de *bacon* se atrevesse a manchar aquele vestido, pensou Bodine.

— Podes preparar-me um galão desses? — pediu Maureen enquanto atava o avental. — Ninguém os prepara tão bem como tu.

— Claro. Daqui a pouco tenho uma reunião com a Jessie — disse Bodine, referindo-se à coordenadora de eventos da estância, Jessica Baazov, contratada há três meses. — Sobre o casamento da Linda-Sue Jackson. A Linda-Sue chega às dez.

— Hum. O teu pai disse-me que o Roy Jackson anda a lamentar-se por causa da despesa que vai ter com o casamento da filha, mas eu sei de fonte segura que a mãe da Linda-Sue está decidida a fazer tudo e mais alguma coisa. Se lho pudéssemos proporcionar, aquela rapariga avançaria para o altar ao som de um coro de anjos celestiais.

Bodine aqueceu meticulosamente o leite para o galão. — Pelo valor certo, provavelmente a Jessie conseguiria isso.

— Ela está a trabalhar muito bem, não está? — Com uma frigideira enorme sobre o fogão de oito bicos, Maureen começou a fritar *bacon*. — Gosto daquela rapariga.

— Tu gostas de toda a gente. — Bodine entregou o galão à mãe.

— Somos mais felizes se gostarmos. Se procurarmos, conseguimos encontrar algo de bom em toda a gente.

— Adolfo Hitler — desafiou Bodine.

— Bem, sendo o que foi, traçou um limite que a maioria não vai querer voltar a transpor. Isso é uma coisa boa.

— Não existe ninguém como tu, mãe. — Bodine, que havia superado o metro e sessenta e dois da mãe aos doze anos e crescido ainda mais treze centímetros, curvou-se para beijar a face de Maureen. — Tenho tempo de pôr a mesa antes de sair.

— Oh, querida, também precisas de tomar o pequeno-almoço.

— Comi um iogurte.

— Tu detestas isso.

— Só detesto enquanto o estou a comer, e faz-me bem.

Maureen suspirou, tirou o *bacon* para escorrer e acrescentou mais. — Juro que às vezes penso que és melhor mãe para ti do que eu alguma vez fui.

— És a melhor mãe do mundo — ripostou Bodine, tirando do armário uma pilha de pratos de uso diário.

Ouviu a barulheira segundos antes de a porta das traseiras se abrir. Os homens na sua vida entraram com um par de cães.

— Não se esqueçam de limpar as botas.

— Ora, Reenie, como se nos esquecêssemos. — Sam Longbow tirou o chapéu; ninguém comia à mesa de Maureen de chapéu na cabeça.

Era um homem com um metro e noventa e dois de altura, quase tudo pernas, atraente e muito magro, com madeixas grisalhas nos seus cabelos negros e rugas de expressão nos cantos dos olhos castanho-escuros.

Tinha um incisivo esquerdo torto, que, na opinião de Bodine, acrescentava charme ao seu sorriso.

Chase, dois anos mais velho que Bodine, pendurou o chapéu de *cowboy* num cabide e despiu o casaco de lona. Herdara a altura e constituição física do pai, como todos os irmãos Longbow, mas no que tocava às feições e à tez, era mais parecido com a mãe.

Rory, três anos mais novo do que ela, era uma combinação dos dois, com cabelos castanho-escuros e olhos verdes vivazes numa versão de vinte e dois anos do rosto de Sam Longbow.

— Podes fazer o suficiente para mais um, mãe?

Maureen olhou para Chase de sobranceiras arqueadas. — Posso sempre fazer o suficiente para mais um. Quem é?

— Convidei o Cal para tomar o pequeno-almoço.

— Bem, põe mais um lugar na mesa — ordenou Maureen. — Há muito tempo que o Callen Skinner não se senta à nossa mesa.

— Ele voltou?

Chase anuiu com a cabeça em direção a Bodine e encaminhou-se para a máquina do café. — Chegou esta noite. Está a instalar-se no casebre, como tínhamos combinado. Um pequeno-almoço quente vai ajudá-lo nessa tarefa.

Enquanto Chase emborcava o café puro, Rory adicionava doses generosas de leite e de açúcar ao seu. — Ele não se parece nada com um *cowboy* de Hollywood.

— Uma desilusão para os nossos mais novos — disse Sam enquanto lavava as mãos na pia. — O Rory estava à espera de que ele andasse por aí com esporas tilintantes, uma tira prateada no chapéu e botas engraxadas.

— Não estava nada. — Rory tirou um bocado de *bacon*. — Não está muito diferente de quando se foi embora. Mais velho, talvez.

— Não é sequer um ano mais velho do que eu. Guarda um bocado desse *bacon* para nós — acrescentou Chase.

— Tenho mais — disse calmamente Maureen, e levantou o rosto quando Sam se curvou para a beijar.

— Estás tão bonita como uma caixa de rebuçados, Reenie. E cheiras igualmente bem.

— Tenho uma manhã cheia de reuniões.

— Por falar em reuniões... — Bodine verificou as horas. — Tenho de ir.

— Oh, querida, não podes ficar para cumprimentar o Callen? Não vês aquele rapaz há quase dez anos.

Oito anos, pensou Bodine, e tinha de reconhecer que estava curiosa por voltar a vê-lo. Mas... — Não posso, lamento. Vejo-o mais logo... e a vocês, também — disse ela, beijando o pai. — Rory, preciso de rever umas coisas contigo no escritório.

— Estarei lá, chefe.

Ela soltou um bufido e encaminhou-se para o vestíbulo, onde já havia colocado a pasta com o material necessário para aquele dia. — Vai nevar esta tarde! — gritou ela, equipando-se com casaco, chapéu, cachecol e luvas antes de sair para a manhã fria.

Estava um minuto atrasada, por isso encaminhou-se apressadamente para a sua carrinha. Sabia que Callen estava de regresso, havia estado presente na reunião familiar sobre a sua contratação como responsável pelos cavalos do rancho.

Tanto quanto ela se lembrava, sempre fora o melhor amigo de Chase, e havia oscilado entre ser a cruz da sua existência e a sua primeira paixoneta secreta, e de novo a cruz, e de novo a paixoneta.

Bodine não se lembrava bem qual das duas ele era na altura em que havia deixado Montana. Ocorreu-lhe então, enquanto conduzia pelo ondulado manto de neve que cobria a estrada do rancho, que era mais novo do que Rory quando saíra de casa.

Teria uns vinte anos, calculava ela, e estaria seguramente furioso e frustrado por ter perdido a maior parte do seu património por direito. Terrenos que o pai dela comprara aos Skinner quando o pai de Callen havia, por assim dizer, ficado numa situação difícil.

Ele ficara numa situação difícil porque perdia tudo o que tinha de bom no jogo. Era um péssimo jogador, ouvira ela o pai dizer uma vez, e tão viciado no jogo como alguns são no álcool.

Assim, com a propriedade que certamente prezara reduzida a menos de vinte hectares, à casa e a uns quantos anexos, Callen Skinner havia partido para construir a sua vida.

Segundo Chase, Cal saíra-se bem e acabara a adestrar cavalos para o cinema.

Agora que o pai havia falecido, a mãe estava viúva e a irmã casada, com um filho pequeno e outro a caminho, ele regressara.

Ela ouvira o suficiente para saber que o pouco que restava da propriedade dos Skinner não valia as hipotecas e os empréstimos que tinham sido contraídos. E a casa estava vazia, porque a Sra. Skinner fora morar com a filha e respetiva família numa bonita casa em Missoula, onde Savannah e o marido tinham uma loja de artesanato.

Bodine previa uma outra reunião em breve para discussão da compra dos últimos vinte hectares, e, enquanto conduzia, ponderou se esse lote de terreno se ajustaria melhor ao rancho ou à estância.

A casa seria reparada e alugada a grupos, refletiu. Ou usada para eventos. Bodas mais pequenas, festas de empresa, reuniões familiares.

Ou talvez poupasse esse tempo e despesa e a demolisse para construir do zero.

Estava distraída com possibilidades quando passou por baixo do arco com as palavras «Estância Bodine» e um trevo que compunha o seu logótipo.

Circundou a propriedade e reparou que as luzes no interior da loja se encontravam acesas, dado que quem estava no primeiro turno se preparava para a abrir. Naquela semana tinham uma mostra de artigos em pele e

artesanato, e isso atrairia alguns dos hóspedes de final de outono. Ou então o golpe publicitário das equipas de Rory atrairia gente de fora que ficaria para almoçar no Bornal.

Bodine estacionou em frente do edifício baixo e comprido, com o seu amplo alpendre dianteiro que albergava a receção.

Era algo que a enchia de orgulho.

A estância havia nascido antes dela, numa reunião entre a sua mãe, a avó e a bisavó; com a avó, Cora Riley Bodine, comandando as operações.

O que havia começado como um simples rancho para turistas transformara-se numa luxuosa estância de férias que oferecia uma cozinha de cinco estrelas, serviço personalizado, aventura, tratamentos de estética e bem-estar, eventos, entretenimento e afins, estendendo-se tudo isso por mais de mil e oitocentos hectares, incluindo o rancho propriamente dito. E tudo com a beleza inestimável de Montana Ocidental, pensou ela enquanto saía da carrinha.

Bodine entrou apressadamente no edifício, onde um par de hóspedes desfrutava de café diante de uma enorme lareira crepitante.

Sentiu os aromas outonais a abóbora e cravo-da-índia e aprovou enquanto acenava com uma mão em direção ao balcão da receção, decidida a chegar ao seu escritório para se organizar. Fez um desvio em direção ao balcão quando Sal, a ruiva espevitada que Bodine conhecia desde a escola primária, lhe fez sinal.

— Queria avisar-te de que a Linda-Sue acabou de ligar a dizer que está um bocadinho atrasada.

— Está sempre.

— Sim, mas desta vez avisou, não se limitou a chegar atrasada. Vai buscar a mãe.

Os sólidos alicerces do dia de Bodine sofreram o seu primeiro abalo. — A mãe dela vem à reunião?

— Lamento. — Sal dirigiu-lhe um pesaroso sorriso.

— Esse é um problema da Jessie, mas obrigada pelo aviso.

— A Jessie ainda não chegou.

— Não faz mal, cheguei antes da hora.

— Chegas sempre! — gritou Sal quando Bodine se afastou e dobrou a esquina em direção aos fundos, onde se localizava o escritório da diretora da estância. O seu escritório.

Agradava-lhe o tamanho. Era suficientemente grande para fazer reuniões com o pessoal ou com gerentes, e suficientemente pequeno para manter essas reuniões íntimas e pessoais.

Dispunha de uma janela dupla com vista para caminhos empedrados, uma parte do edifício que albergava o Bornal e o mais luxuoso Salão de Jantar, e campos ondeantes que se estendiam em direção às montanhas.

Bodine havia posicionado a antiga secretária da avó de modo a sentar-se de costas para essa janela, evitando distrações. Tinha também duas poltronas de pele com costas altas, que outrora haviam adornado o escritório da casa do rancho, e um pequeno sofá que tinha pertencido à mãe e que estava agora estofado com um resistente tecido de um forte tom azul.

Pendurou o casaco, o chapéu e o cachecol no cabide do canto e passou a mão pelos cabelos; negros como os do pai, presos num longo rabo de cavalo que deslizava pelas costas.

Era parecida com o avô, assim dizia a sua viúva. Bodine vira fotografias e reconhecia a sua semelhança com o jovem e malfadado Rory Bodine, que havia morrido no Vietname antes de completar vinte e três anos de idade.

O avô tivera olhos verdes e uma boca grande com um lábio superior carnudo. Os cabelos negros haviam sido ondulados, enquanto que os dela eram completamente lisos, mas Bodine tinha as mesmas maçãs do rosto protuberantes, o mesmo nariz pequeno e pugnaz e a pele branca irlandesa que requeria carradas de protetor solar.

Mas ela gostava de pensar que havia herdado a astúcia para o negócio da avó.

Aproximou-se do balcão onde estava a máquina de café em cápsula que fazia um café tolerável e levou uma caneca para a sua mesa para rever as anotações que fizera para as duas primeiras reuniões do dia.

Quando concluía simultaneamente uma chamada telefónica e um *e-mail*, Jessica entrou.

Tal como Maureen, Jessica usava um vestido; neste caso vermelho intenso, combinado com uma jaqueta de cabedal bege. As curtas botas de saltos altos não durariam cinco minutos na neve, mas condiziam com o vestido vermelho como se tivessem sido tingidos juntos.

Bodine não pôde deixar de admirar o indiscutível estilo elegante.

Jessica usava os cabelos louros com madeixas presos num lustroso puxo como habitualmente fazia nos dias de trabalho. Como as botas, os lábios condiziam com o vestido na perfeição e combinavam com as salientes maçãs do rosto, com o nariz fino e direito e os olhos de um translúcido azul glaciado.

Sentou-se enquanto Bodine terminava a chamada, tirou o telemóvel do bolso da jaqueta e pôs-se a ver alguma coisa.

Bodine desligou e recostou-se. — A diretora da Associação de Escritores

do Oeste vai entrar em contacto contigo por causa de um retiro de três dias e de um banquete de despedida.

— Têm datas? Número de pessoas?

— Preveem que sejam noventa e oito. A chegada será a 9 de janeiro e a partida a 12 de janeiro.

— Janeiro próximo?

Bodine sorriu. — O local onde iam reunir-se acabou por não dar em nada, por isso andam às aranhas. Eu verifiquei e podemos encaixar isto. O movimento diminui depois das férias. Reservamos-lhes o Moinho, para as reuniões e o banquete, e o número de cabanas que ela pediu durante quarenta e oito horas. A diretora, Mandy, pareceu-me organizada, apesar de um pouco desesperada. Acabei de enviar para ti, para a minha mãe e para o Rory um *e-mail* com todos os pormenores. O orçamento deles parece-me suficiente.

— Está bem. Falarei com ela e farei o plano das refeições, do transporte, de atividades, etc. Escritores?

— Sim.

— Vou avisar o Saloon. — Jessica fez mais uma anotação no telemóvel. — Nunca organizei um evento para escritores que não acabe com uma despesa enorme no bar.

— É bom para nós. — Bodine apontou para a pequena cafeteira com o polegar. — Serve-te.

Jessica levantou simplesmente o copo térmico verde da Estância Bodine que costumava trazer com água.

— Como consegues viver sem café? — perguntou Bodine com sinceridade. — Ou *Coca-Cola*? Como consegues viver à base de água?

— Porque também existe o vinho. E ioga e meditação.

— Essas coisas fazem-nos dormir.

— Não se forem bem feitas. Devias praticar mais ioga. E a meditação ajudar-te-ia provavelmente a reduzir a cafeína.

— A meditação só me faz pensar em todas as outras coisas que eu preferia estar a fazer. — Bodine recostou-se e girou a cadeira de um lado para o outro. — Gosto mesmo dessa jaqueta.

— Obrigada. No meu dia de folga fui a Missoula gastar dinheiro. O que é quase tão bom para a mente e para o espírito como o ioga. A Sal disse-me que a Linda-Sue vai chegar um bocadinho atrasada, grande novidade, e que a mãe vem com ela.

— Essa é a última. Trataremos disso. Elas vão reservar cinquenta e quatro cabanas por três dias. Jantar de ensaio, boda, copo-d'água, basicamente

vão ocupar toda a Vila Zen na véspera da cerimónia, para além das outras atividades.

— Faltam apenas quatro semanas para o casamento, por isso não têm muito tempo para mudar de ideias, para acrescentarem mais futilidades.

A larga boca de Bodine curvou-se num sorriso. — Conheces a Dolly Jackson, certo?

— Eu trato da Dolly.

— Melhor tu do que... qualquer outra pessoa — decidiu Bodine. — Vamos recapitular o que temos.

Reviram a lista de cima a baixo, e tinham passado a uma festa natalícia de menor dimensão na semana anterior ao Natal quando Sal espreitou à porta.

— Linda-Sue e a mãe.

— Já vamos. Espera, Sal. Pedes umas mimosas.

— Isso é que é falar.

— Inteligente — disse Jessica depois de Sal se afastar. — Mimá-las para as amolecer.

— A Linda-Sue não é assim tão má. O Chase namorou uns cinco minutos com ela no liceu. — Bodine levantou-se e esticou o colete castanho-escuro. — Mas mimosas não fazem mal a ninguém. Vamos a isto.

A bonita, curvilínea e nervosa Linda-Sue andava de um lado para o outro no átrio com as mãos entrelaçadas entre os seios.

— Não consegues imaginar, mãe? Tudo decorado para o Natal, as árvores, as luzes, uma lareira acesa como esta. E a Jessica disse que o Moinho vai estar repleto de brilho.

— É melhor que esteja. Precisamos daqueles castiçais altos, Linda-Sue; pelo menos uma dúzia. De ouro, como eu vi naquela revista. Não ouro brilhante, mas elegante.

Enquanto falava, Dolly escrevinhava numa folha da espessa capa branca da boda que carregava.

Os seus olhos pareciam um tanto tresloucados.

— E veludo vermelho-escuro, não vermelho-vivo, em vez de branco, a cobrir o caminho desde o sítio onde o trenó para. Destacará mais o teu vestido. E também precisas de uma harpista, vestida de veludo vermelho com aquele elegante debrum dourado, para tocar enquanto as pessoas entram e se sentam.

Jessica respirou fundo. — Vamos precisar de mais mimosas.

— Entendo-te. — Bodine colou um sorriso no rosto e avançou.

* * *

Bodine dispensou quarenta minutos à elegante boda dourada e depois escapou-se. Nos três meses decorridos desde que havia preenchido a vaga como coordenadora de eventos, Jessica revelara-se mais do que capaz de lidar com uma mãe picuinhas e uma noiva hesitante.

De qualquer modo, Bodine tinha uma reunião marcada com o responsável pelos comes e bebes, precisava de responder a umas questões de um dos motoristas e queria riscar da lista uma discussão com o responsável dos cavalos.

A sinuosa e acidentada estrada de gravilha que ia do seu escritório ao Centro de Atividades Bodine (CAB) tinha quase oitocentos metros, mas assim que saiu e sentiu o ar fresco e puro, ela decidiu que preferia caminhar em vez de conduzir.

Já conseguia sentir o cheiro a neve e calculou que começasse a cair antes do meio da tarde. Mas, por enquanto, o céu mantinha o tom azul-claro sob as nuvens que se aglomeravam.

Passou por um par de pequenos *Kia* verdes que disponibilizavam aos hóspedes durante a estadia (para uso exclusivo na propriedade), depois virou para a estreita estrada de gravilha e não viu ninguém.

Os campos estendiam-se para ambos os lados, cobertos de neve. Bodine avistou um trio de veados galopando pela neve, as suas caudas brancas contrastando com a densa pelagem escura de inverno.

O grito de um falcão fê-la levantar o olhar para o ver voar em círculos. A falcoaria era uma das prioridades do seu plano de três anos para a estância e no final do primeiro ano ela já havia feito progressos nesse campo.

O vento levantava neve do solo, que redemoinhava em torno dela como purpurinas enquanto as suas botas ressoavam no chão duro como ferro.

Bodine viu movimento perto do CAB; uns quantos trabalhadores no exterior com alguns dos cavalos no cercado coberto. Sentiu o odor rico a cavalos, bem como o aroma a couro encerado, a feno e a cereais.

Levantou uma mão em saudação quando o homem que envergava um grosso casaco de sarja e um chapéu de *cowboy* olhou para ela. Abe Kotter afoagou a égua malhada que tinha estado a escovar e deu uns passos em direção a Bodine.

— Vai nevar — disse ela.

— Vai nevar — concordou ele. — Um par de Denver queria um passeio a cavalo. Eles sabiam o que estavam a fazer, por isso a Maddie levou-os a dar uma volta. Acabaram de regressar.

— Avisa-me se quiseres levar alguns para o rancho, fazer alguma troca.

— Combinado. Vieste a pé da recepção?

— Apetecia-me caminhar, apanhar ar. Mas acho que vou selar um e regressar a cavalo, fazer uma visita às senhoras da Casa Bodine.

— Dá-lhes os meus cumprimentos. Eu selo-te um, Bo. O *Três Peúgas* está a precisar de fazer exercício. Pouparias os meus velhos ossos.

— Velhos, uma ova.

— Faço sessenta e nove anos em fevereiro.

— Se disseres que isso é ser velho, as minhas avós enchem-te os ossos de balas.

Ele riu-se, recuou e deu mais uma escovadela à égua malhada. — Pode ser, mas vou fazer a tal pausa de inverno de que falámos. Eu e a minha mulher vamos visitar o meu irmão ao Arizona. Partimos logo a seguir ao Natal e ficamos até abril.

Ela nem pestanejou, embora fosse a sua vontade. — Sentiremos a tua falta e a da Edda por aqui.

— Quanto mais velhos somos, mais os invernos se tornam rigorosos. — Verificou o casco da égua e sacou de um gancho para o limpar. — No inverno não há muita procura por passeios a cavalo e afins. A Maddie pode substituir-me e tratar dos cavalos durante uns meses. Tem a cabeça no lugar.

— Eu falo com ela. Ela está lá dentro? De qualquer modo, tenho de entrar para falar com o Matt.

— Está lá agora. Vou preparar-te o *Três Peúgas*.

— Obrigada, Abe. — Bodine começou a afastar-se, mas recuou. — Que diabo vais tu fazer no Arizona?

— Diabos me levem se sei, para além de me manter aquecido.

Bodine contornou o edifício e entrou. Desde o início da primavera até meados de outubro, o amplo espaço, estilo armazém, receberia grupos que se equipariam para fazer *rafting* em águas agitadas, excursões em veículos todo-o-terreno, passeios a cavalo, condução de gado e caminhadas guiadas.

Assim que começava a nevar a sério, o movimento tendia a diminuir, e o som das suas botas ecoava agora enquanto ela se aproximava do balcão curvo e do coordenador de atividades da estância.

— Como vais, Bo?

— Vou andando, Matt, o quanto baste. E tu?

— Isto está suficientemente tranquilo para conseguirmos pôr o trabalho em dia. Neste momento temos um grupo a fazer esqui de fundo e outro a praticar tiro ao alvo. Uma família de doze marcou um passeio a cavalo para

amanhã e eu avisei o Chase. Ele disse-me que o Cal Skinner está de regresso e que vai cuidar disso.

— Exatamente.

Bodine falou com Matt sobre inventário, substituição de materiais e equipamento, e depois sacou do telemóvel com as suas anotações para discutir mais atividades para o casamento dos Jackson.

— Vou enviar-te um *e-mail* com todos os pormenores. Por agora, assegura-te simplesmente de que reservas isto tudo e chama quem for preciso para tratar de tudo.

— Entendido.

— O Abe disse-me que a Maddie estava aqui.

— Está na casa de banho das senhoras.

— Certo. — Bodine consultou as horas no telemóvel antes de o guardar no bolso. Queria ir visitar as avós e depois tinha mesmo de voltar para o escritório. — Espero uns minutos.

Deambulou até à máquina de venda automática. Jessica tinha razão, devia beber mais água. Mas não lhe apetecia água. Apetecia-lhe algo doce e gasoso. Apetecia-lhe uma maldita *Coca-Cola*.

Maldita Jessie, pensou ela, introduzindo o dinheiro e tirando uma garrafa de água.

Irritada, bebeu o primeiro gole no momento em que Maddie saía da casa de banho.

— Olá, Maddie.

Bodine aproximou-se da cavaleira. Pareceu-lhe que Maddie estava um tanto pálida, com sinais de fadiga em torno dos olhos, apesar do sorriso rápido.

— Olá, Bo. Acabei de chegar do passeio.

— Já soube. Estás bem? Estás um bocadinho pálida.

— Estou ótima. — Maddie desvalorizou o assunto com um aceno de mão e bufou. — Tens tempo para te sentares um minuto?

— Claro que sim. — Bodine indicou uma das mesinhas dispersas pelo espaço. — Está tudo bem? Aqui? Em casa?

— Está tudo ótimo. Muito bem mesmo. — Maddie, uma amiga da vida toda, sentou-se e empurrou para trás a aba do chapéu pousado sobre os cabelos louros que lhe chegavam ao queixo. — Estou grávida.

— Estás... Maddie! Isso é fantástico. Não é fantástico?

— É fantástico, maravilhoso e espantoso. E um pouco assustador. O Thad e eu decidimos não esperar mais. Casámo-nos na primavera passada

e o plano era esperar um ano, talvez dois. Mas depois pensámos «para quê esperar?» e atirámo-nos logo de cabeça. — Riu-se e tocou na água de Bodine. — Posso beber um gole?

— Bebe toda. Estou tão feliz por ti, Maddie. Sentes-te bem?

— Nos primeiros dois meses vomitava três vezes ao dia. Logo de manhã, à hora do almoço e à hora do jantar. Canso-me mais rapidamente, mas o médico diz que é assim mesmo. E os vômitos devem parar por completo em breve... se Deus quiser. Acho que já abrandaram um pouco. Ainda há pouco estava enjoada, mas não vomitei, o que já é alguma coisa.

— O Thad deve estar radiante.

— Está.

— De quanto tempo estás?

— Faz doze semanas no próximo sábado.

Bo abriu a boca, tornou a fechá-la e agarrou novamente na água para beber mais um gole. — Doze.

Maddie suspirou e mordeu o lábio inferior. — Estive prestes a contar-te assim que soube, mas dizem que devemos esperar que passem os três primeiros meses, o primeiro trimestre. Não dissemos a ninguém a não ser aos nossos pais, não podíamos esconder-lhes isso, e mesmo nesse caso esperámos pelo final das quatro semanas.

— Não se nota que estás grávida.

— Mas vai notar-se. E a verdade é que as calças de ganga já me estão tão apertadas na cintura, que tive de as prender com um mosquetão.

— Não!

— Sim. — Para o provar, Maddie levantou a camisola e mostrou a Bo a pequena peça metálica. — E olha para isto. — Maddie levantou o chapéu e baixou a cabeça para mostrar quase três centímetros de raízes castanhas bissetando o louro. — Não querem que eu pinte o cabelo. Juro que não vou tirar o chapéu até este bebé nascer. Não via a minha cor natural desde os treze anos, quando tu me ajudaste a pintá-los com aquela caixa de *Nice'n Easy*.

— E usámos parte para fazer uma madeixa loura no meu cabelo, que acabou por ficar a parecer uma fatia de abóbora fluorescente.

— Eu achei muito fixe. Sou loura de coração, Bo, mas vou ser uma grávida morena. Uma morena gorda, que anda como uma pata-choca e urina a cada cinco minutos.

Bodine riu-se e devolveu-lhe a água. Enquanto bebia, Maddie acariciou com uma mão a barriga ainda invisível. — Sinto-me diferente, a sério, e é uma espécie de assombro. Bodine, vou ser mãe.

— Vais ser uma mãe formidável.

— Estou decidida a isso. Mas, bem, há mais uma coisa que não devo fazer.

— Montar.

Maddie anuiu com a cabeça e bebeu mais um pouco. — Tenho andado a protelar, eu sei. Céus, monto desde bebé, mas o médico é intransigente a esse respeito.

— E eu também. Foste no passeio de hoje, Maddie.

— Eu sei. Devia ter contado ao Abe, mas achei que devia contar-te primeiro. E ele falou-me em ficar a substituí-lo este inverno. Eu não quis dizer nada, porque ele quer mesmo fazer aquela viagem e estava mesmo a imaginá-lo a pô-la de lado.

— Ele não a vai pôr de lado e tu não montas até teres permissão do teu médico. Ponto final.

Mordendo novamente o lábio, num claro sinal de ansiedade, Maddie enroscou e desenroscou a tampa da garrafa de água. — E também há as aulas.

— Nós damo-las. — Havia de arranjar uma solução, pensou Bodine. Era o seu trabalho. — O trabalho com os cavalos não se limita aos passeios, Maddie.

— Eu sei. Já trato de alguma da papelada. Posso escová-los, alimentá-los e conduzir o reboque, levar os hóspedes ao Centro Equestre. Posso...

— O que podes fazer é arranjar-me uma lista, do teu médico, com o que podes e não podes fazer. O que pudeses fazer, fazes... o que não pudeses, não fazes.

— A questão é que o médico é extremamente cauteloso e...

— E eu também — interrompeu Bodine. — Trazes-me a lista e cumpre-la à risca, ou terei de te dispensar.

Maddie recostou-se, amuada. — O Thad disse que tu ias dizer precisamente isso.

— Não te casaste com um idiota. E ele ama-te. E eu também. Agora vais o resto do dia para casa.

— Oh, eu não quero ir para casa.

— Vais para casa — repetiu Bo. — Fazes uma sesta. Depois da sesta, vais ligar ao teu obstetra e dizer-lhe...

— É uma mulher.

— Tanto faz. Diz-lhe para elaborar a tal lista e ta enviar por *e-mail*, com o meu conhecimento. Trabalharemos a partir daí. Na pior das hipóteses trocas

a sela por uma cadeira de secretária durante uns meses, Maddie. — Bodine sorriu. — Vais engordar.

— Estou ansiosa por isso.

— Ainda bem, porque vai acontecer. Agora vai para casa. — Bodine levantou-se e inclinou-se para dar um forte abraço a Maddie. — E parabéns.

— Obrigada. Obrigada, Bo. Vou dizer ao Abe antes de me ir embora. Vou dizer-lhe que tens tudo controlado, está bem?

— Faz isso.

— Na verdade, vou dizer a toda a gente. Estou mortinha por fazer isso desde que mijei na tira do teste. Olá, Matt! — Maddie levantou-se e deu umas palmadinhas na barriga. — Estou grávida!

— C'um caraças!

Bodine teve tempo de o ver saltar por cima do balcão e correr para levantar Maddie nos braços.

Quando havia uma gravidez, os pais eram os primeiros a saber, pensou Bodine ao sair do edifício. Mas havia muita família por ali.

Capítulo Dois

Enquanto cavalgava, Bodine refletia sobre o que precisava de ser feito, o que podia ser feito e o que era mais sensato fazer. Perder dois dos seus principais funcionários, um até à primavera e outro durante oito meses, gerava um quebra-cabeças. Ela tinha as peças; precisava apenas de encontrar a melhor maneira de as encaixar.

A neve caía suavemente, fina e escassa; um prenúncio do que se avizinhava. Ela gostava do seu cheiro, do modo como um falcão planava através dos flocos e um coelho gordo pulava e desaparecia enquanto atravessava a correr um vasto campo branco.

Bodine incitou *Três Peúgas* a acelerar para um trote rápido e enérgico e depois, percebendo a vontade do animal, deixou-o alargar o passo para um agradável galope fluido. Avistou uma das carrinhas da manutenção a descer ruidosamente a estrada desde as Cabanas do Alto, e concedeu a si mesma e ao cavalo o prazer de a contornar pelo caminho mais longo, onde o mundo se abria a uma paisagem de alvas montanhas alçando-se em direção a um suave céu cinzento-claro.

Durante um tempo, deixou que a sua mente se esvaziasse. Resolveria o quebra-cabeças, encontraria uma solução para o problema, faria o que tinha de ser feito.

Passou ao largo das tendas brancas da Vila Zen, subiu a encosta junto ao aglomerado de cabanas a que chamavam Propriedades com Vista Montanhosa, e voltou a apanhar a estrada em direção à casa das avós.

A casa ficava afastada da estrada, deixando espaço para o jardim que ambas gostavam de cuidar; uma casa de bonecas branca com uma bonita moldura azul, janelas grandes que permitiam apreciar a vista e alpendres generosos, dianteiro e traseiro, para relaxar.

Bodine seguiu com o capão até ao pequeno telheiro das traseiras e desmontou. Depois de o afagar com apreço, prendeu-o.

Atravessou a neve fina em direção ao alpendre traseiro, onde limpou diligentemente as botas no tapete.

Assim que entrou na casa, sentiu o aroma maravilhoso a algo que fervia lentamente no fogão. Enquanto desabotoava o casaco, aproximou-se do tacho para cheirar.

Galinha e alho-francês, pensou ela, inalando. A sopa escocesa da avoizinha.

Olhou em volta. A cozinha onde tomavam as refeições comunicava com uma zona de estar com um cómodo sofá, umas poltronas e uma enorme televisão de ecrã plano.

As avós adoravam as suas séries.

Naquele momento passava uma série dramática diurna com um par de pessoas inverosimilmente bonitas. Bodine viu a cesta de bordados, da avoizinha, e a cesta de croché, da avó, mas nenhuma das duas mulheres.

Procurou no quarto de hóspedes, que servia também de escritório, e encontrou-o arrumado e vazio.

Saiu para uma sala de estar, onde o fogo ardia lentamente como a sopa na lareira, que dava acesso aos dois pequenos quartos com casa de banho.

Ia chamar por elas quando ouviu a voz da avó à sua direita.

— Consertei! Eu disse-te que ia consertar isto.

Cora saiu a passos largos do seu quarto com uma reluzente caixa de ferramentas cor-de-rosa numa mão. Sufocou um grito e levou uma mão ao peito.

— Jesus, Bodine! Pregaste-me um susto de morte. Mamã! A Bodine está aqui!

Com as ferramentas a chocalharem dentro da caixa, Cora apressou-se a abraçar Bodine.

De chinelos *UGG*, perfumada com *Chanel n° 5*, um corpo tão magro e ágil que desmentia a sua idade coberto com umas *Levi's* e uma grossa e macia camisola de lã que a própria mãe devia ter tricotado.

Bodine inspirou o seu perfume.

— O que é que consertaste?

— Oh, o lavatório da minha casa de banho estava a perder água como um coador.

— Queres que chame a manutenção?

— Pareces a tua avoizinha a falar. Eu passei a vida quase toda a reparar o que precisa de ser reparado. Agora consertei a fuga de água.

— Claro que sim. — Bodine beijou as duas faces macias de Cora e sorriu-lhe fitando os seus intensos olhos azuis.

— Tens alguma coisa a precisar de conserto?

— Vou perder dois tratadores, mas estou a tentar consertar isso.

— É o que fazemos, não é? Mamã! A Bodine está aqui, por amor de Deus.

— Estou a ir, não estou? Não é preciso gritar.

Enquanto que Cora havia deixado o cabelo, que usava mais curto na nuca, com o seu grisalho natural, dona Fancy mantinha teimosamente o ruivo da sua juventude.

A poucos meses de completar noventa anos, podia admitir que se deslocava um pouco mais lentamente do que outrora, mas orgulhava-se em dizer que tinha todos os seus dentes, que conseguia ouvir tudo o que bem entendesse e que só precisava de óculos para ver ao perto.

Era baixa, mais roliça do que gorda. Preferia camisolas ou gorros com afirmações que procurava e comprava através da *internet*. Na que envergava naquele dia podia ler-se:

ESTA É A APARÊNCIA DE UMA FEMINISTA

— Sempre que te vejo, estás mais bonita — disse dona Fancy quando Bodine a abraçou.

— Viste-me apenas há dois dias.

— Não deixa de ser verdade por causa disso. Vem sentar-te. Tenho de ir dar uma olhadela na sopa.

— Cheira que é uma maravilha.

— Precisa ainda de uma hora ou mais, se puderes ficar.

— Não posso mesmo, tenho de voltar. Só passei por cá para as ver.

Dona Fancy mexeu a sua sopa enquanto Cora arrumava a caixa de ferramentas.

— Então, chá e biscoitos — decretou Cora. — Há sempre tempo para chá e biscoitos.

Bodine lembrou a si mesma que estava a alimentar-se de forma mais saudável, evitando *snacks* doces e hidratos de carbono.

— Eu e a Cora fizemos biscoitos de canela ontem à noite. — Dona Fancy sorriu enquanto pousava a chaleira num dos bicos do fogão.

Porque é que tinham de ser biscoitos de canela? — Posso arranjar tempo para um biscoito. Senta-te, avozinha. Eu preparo o chá.

Foi buscar o bule, as chávenas e os passadores, dado que nenhuma das mulheres se rebaixaria ao ponto de ter uma saqueta de chá em casa.

— Vão perder a vossa série — salientou Bodine.

— Oh, nós estamos a gravar — disse-lhe despreocupadamente dona Fancy. — É mais divertido assistir à noite e passar os anúncios.

— Já tentei explicar-lhe que a televisão não tem de estar ligada para gravar o programa, mas ela não acredita.

— Não faz sentido nenhum — disse dona Fancy à filha. — E não vou correr riscos. Ouvi dizer que o filho dos Skinner regressou de Hollywood e está a trabalhar no rancho.

— Ouviste bem.

— Sempre gostei daquele miúdo. — Cora pousou um prato com biscoitos na mesa.

— Do mais bonito que há. — Dona Fancy tirou um biscoito. — E com rebeldia suficiente para o tornar interessante.

— O Chase, com o seu feitio sério, era o melhor para isso. E tu tinhas um fraquinho por ele — disse Cora a Bodine.

— Não tinha nada.

As avós trocaram olhares dengosos praticamente idênticos.

— Eu tinha doze anos! E como é que podem saber?

— Olhavas para ele com olhos de cachorrinho. — Dona Fancy levou uma mão ao peito. — Que diabo, até eu teria tido um fraquinho por ele se fosse mais nova, ou ele mais velho.

— O que diria o avô? — perguntou-se Bodine.

— Que estar casado não é estar morto. Estivemos casados sessenta e sete anos antes de ele falecer, e éramos ambos livres para olhar para quem quiséssemos. Agora, tocar? Nesse ponto é que estar casado era o mesmo que estar morto.

Bodine riu-se e levou o chá para a mesa.

— Diz àquele rapaz para nos fazer uma visita — exigiu Cora. — Um homem bonito anima o dia.

— Direi. — Bodine olhou para os biscoitos.

Comeria algo saudável mais tarde.

* * *

Quando Bodine deu o trabalho por concluído, a neve caía com força. Deu graças pelos biscoitos que havia comido, pois não tivera tempo para almoçar e estava atrasada para o jantar.

Quando estacionou a carrinha no rancho, estava disposta a comer tudo o que estivesse à mão... depois de um copo de vinho.

Deixou o casaco e as botas no vestíbulo, pendurou a pasta e encontrou Chase na cozinha a tirar uma cerveja do frigorífico.

— Há estufado de carne no forno — disse-lhe ele. — A mãe disse para o manter aquecido até tu chegares.

Carne vermelha, pensou ela. Estava a tentar comer menos carne vermelha. Bem, paciência.

— Onde está toda a gente?

— O Rory tinha um encontro. A mãe disse que ia ficar o resto da vida de molho na banheira e é provável que o pai esteja a fazer-lhe companhia.

Bodine bateu com o punho na têmpora. — Porque é que me metes essas ideias na cabeça?

— O olhar dele meteu-as na minha. Eu gosto de partilhar. — Agitou a garrafa que tinha na mão. — Queres uma cerveja?

— Vou beber vinho. Um copo de vinho tinto por dia faz bem à saúde. Podes pesquisar — insistiu ela quando ele lhe dirigiu um sorriso presunçoso.

Ela podia ter exagerado na quantidade, mas continuava a ser *um* copo.

— Então, a Maddie está grávida.

— Como diabo é que sabes? — Irritada, Bodine bebeu vinho com uma mão e tirou estufado para uma tigela com a outra.

— A Maddie enviou uma mensagem de texto ao Thad a dizer que te tinha contado, e basicamente a todos os que estavam por perto, e ele contou-me... e a todos os que estavam por perto. De qualquer modo, eu já estava à espera.

— Estavas à espera? Porquê?

— Era o olhar, Bodine. O olhar... e um par de comentários aqui e ali sobre a paternidade e afins.

— Se desconfiavas, porque é que não o confrontaste? — Irritada, deu-lhe uma forte cotovelada no flanco. — Se eu tivesse sabido há umas semanas, teria mantido um dos tratadores temporários. E olhem com quem é que eu estou a falar — disse ela, tirando uma colher da gaveta. — Com o Senhor Não-Faz-Perguntas.

— As respostas acabam por aparecer. Vou beber a cerveja na sala, junto à lareira.

Bodine enfiou a colher no estufado e seguiu-o. Tal como o irmão, sentou-se no grande sofá e apoiou os pés na mesa.

— Telefonei a todos os temporários que sei que teriam capacidade para assumir um cargo de responsabilidade. Preciso de mais do que um simples

tratador. O punhado que contactei já tem trabalho para este inverno. — Comeu um bocado de estufado enquanto refletia. — Restam-me poucas semanas até o Abe ir para o maldito deserto, mas não gosto de pôr no comando pessoas que não conheço, que ainda não tive oportunidade de treinar. Tenho o Ben e a Carol, mas por muito bons que sejam, não são líderes.

— Usa o Cal.

— O Cal?

— Sim, ele pode alternar facilmente entre um lado e outro. Não há ninguém melhor do que ele com cavalos, e ele é o encarregado do rancho. E se houver muito trabalho, eu e o pai podemos preencher algumas lacunas. O Rory também, ou a mãe. Que diabo, até a avó pode fazer de guia nos passeios a cavalo. De qualquer maneira, ela monta quase todos os dias.

— Hoje fui visitá-la e à avozinha. Levei o *Três Peúgas*. Quando a avó descobriu, queria ser ela a levá-lo de volta ao CAB. Ficou um bocado aborrecida quando eu não a deixei por causa da neve. Ela não devia fazer passeios a cavalo no inverno.

Com a circunspeção habitual, Chase anuiu com a cabeça e bebeu mais cerveja. — Ela podia dar aulas.

— Sim, já pensei nisso. Ela ia gostar. Bem, se eu conseguisse ajuda do rancho, pelo menos enquanto o Abe estiver fora, não precisaria de procurar mais ninguém. Não és completamente inútil, Chase.

— Eu? — Bebeu mais uns goles de cerveja. — Tenho muitas utilidades por explorar.

— Calculo que essas utilidades não incluam saber onde podemos arranjar uns dezasseis quilómetros de veludo vermelho, uma dúzia de castiçais de ouro com um metro e meio de altura e uma harpista com um vestido de veludo vermelho.

— Por enquanto, essas continuam por explorar.

— O casamento da Linda-Sue. Hoje a mãe veio com ela e acrescentou, alterou ou criticou quase tudo. Um desperdício de mimosas — resmungou Bodine.

— Tu é que querias gerir a estância.

— Sim e adoro, mesmo em dias como este. Além disso, o veludo, a harpista e o ouro são problema da Jessica. O facto de ela não ter mandado calar a Dolly Jackson prova que fui inteligente em contratá-la.

— Nunca imaginei que ela ficasse tanto tempo. — Satisfeito com os pés levantados, Chase contemplou a neve que caía do outro lado da janela. — E ela ainda nem passou um inverno em Montana.

— Ela vai ficar. Porque não ficaria?
— É uma rapariga da cidade. Do Leste.
— E é a melhor coordenadora de eventos que tivemos desde que a Martha se reformou há cinco anos. Não tenho de fiscalizar tudo o que ela faz.
— Mas fiscalizas na mesma.
— Não tanto como antes. — Bodine olhou pela janela como Chase e viu a neve cair na escuridão. — Vamos ter cerca de um palmo. É melhor enviar uma mensagem ao Len para me assegurar de que estamos a limpar os caminhos.
— Lá estás tu a fiscalizar.
— É o meu trabalho. — Bodine olhou para o teto. — Achas mesmo que eles estão lá em cima juntos na banheira?
— Aposto o que quiseres.
— Acho que não consigo subir ainda. Acho que antes vou precisar de outro copo de vinho.
— Já agora, traz-me outra cerveja. — Levantou o olhar como ela. — Também prefiro dar-lhes mais meia hora antes de subir.

* * *

Bodine passou quase todo o dia seguinte a verificar os caminhos serpenteantes que atravessavam a estância, a aprovar propostas, a pôr outras em segundo plano e a dar seguimento a um pedido de toalhas novas para as cabanas.

Tinha acabado de se sentar a rever as promoções de inverno — brochuras, folhetos publicitários, *website*, Facebook e Twitter — quando Rory entrou descontraidamente.

Sentou-se numa das poltronas e esparramou-se como se tencionasse ficar um bocado.

— Estou só a dar uma última olhada pelas promoções de inverno — começou Bodine.

— Ainda bem, porque temos uma nova para incluir.

— Uma nova quê?

— Ideia. — Olhou para trás com um sorriso quando Jessica entrou. — Aqui está ela, a minha cúmplice. A mãe está ocupada, mas virá assim que puder.

— O que é isto? As brochuras vão ser impressas amanhã e na próxima semana divulgamos as promoções no *website*.

— Não fará diferença adiar uns dias.

Sabendo que era precisamente essa a maneira errada de abordar Bodine, Jessica deu uma palmadinha, e um beliscão, no braço de Rory antes de se sentar. — Penso que podemos aproveitar o interesse que gerámos nos últimos dois anos com o evento da Cozinha Vaqueira e o Rodeio Bodine.

— O Rodeio Bodine é o nosso evento anual mais procurado — acrescentou Rory. — Mas somente cerca de vinte e cinco por cento de quem participa ou compra bilhetes fica connosco, come nos nossos restaurantes, bebe no nosso bar, utiliza os nossos serviços.

— Estou ciente disso, Rory. A maioria dos participantes nos rodeios tem as suas próprias *roulottes* ou caravanas, ou dorme em motéis. Muitos dos bilhetes são comprados por habitantes locais. O rodeio de junho não gera a mesma receita de bilheteira, mas consegue mais reservas. Depende essencialmente da época do ano.

— Exatamente. — Rory apontou para ela. — O que temos nós durante a temporada de inverno? Temos neve. E mais neve. As pessoas que chegam do Este ou da Califórnia querem uma experiência vaqueira, como os passeios a cavalo, a carroça do Velho Oeste e os hambúrgueres de búfalo, e querem-na envolta em luxo. — À vontade com a sua lábia de vendedor, Rory cruzou as suas elegantes botas *Frye* pelos tornozelos. — Algumas vêm no inverno para passearem nas motas de neve ou porque gostam de se aconchegar numa cabana e desfrutar de uma massagem, mas três ou quatro palmos de neve são dissuasores e acabamos por perder essa receita potencial. Porque não usar a neve para aumentar a receita?

Bodine havia aprendido, se bem que era capaz de reconhecer que tinha demorado um bocado, a não olhar para Rory como o seu irmão mais novo no que dizia respeito ao *marketing*.

— Estou a ouvir.

— Um concurso de esculturas de neve. Um evento de fim de semana. Alargando o panorama, podemos criar quatro categorias. Menores de doze, dos doze aos dezasseis, adultos e família. Entregamos prémios e chamamos os média locais para a cobertura do evento. E oferecemos aos participantes um desconto na estadia de dois dias nas cabanas.

— Queres que as pessoas construam bonecos de neve?

— Bonecos de neve, não — interveio Jessica. — Embora fosse uma das opções. Arte, esculturas em neve como os concursos de esculturas de areia na Florida. Aplanamos alguns hectares e reservamos uma área para as crianças, supervisionadas por funcionários. Servimos chocolate quente e sopa.

— Sorvetes.

— Sorvetes. — Rory abanou a cabeça. — Devia ter-me ocorrido isso.

— Providenciamos ferramentas: pás, espátulas, esse tipo de coisa, — continuou Jessica, — mas os concorrentes têm de trazer os seus próprios adornos, se quiserem. Fazemos uma receção na noite de sexta-feira, atribuímos os locais e começamos no sábado às nove em ponto.

— Vamos precisar de atividades para as crianças mais pequenas — considerou Bodine. — Curtos períodos de atenção, certo? E teriam de se resguardar do frio com algo para fazer, comida, *snacks*. Para os adultos também; não atividades planeadas, mas muitos deles poderão querer fazer pausas.

— Montamos um bufete no Bornal. Talvez umas tendas aquecidas para massagens ao pescoço e aos ombros. Eu posso arranjar atividades para as crianças. — Jessica franziu o sobrolho. — Mantendo o tema do inverno. Podíamos oferecer passeios de trenó por um custo adicional. Organizamos uma festa, com entretenimento, sábado à noite, para anunciarmos os vencedores e entregarmos os prémios.

— Gosto do conceito, mas vão ter de especificar rapidamente os detalhes, o texto promocional e os preços o mais rapidamente possível. Tirem umas fotos. «Festival» de Esculturas de Neve funciona melhor do que «concurso».

— Raios, é verdade — concordou Rory. — Acho que é por isso que és tu quem manda.

— E não te esqueças disso.

— Vou começar já a tratar desses detalhes. — Jessica guardou o telemóvel no bolso e levantou-se. — Rory, e se nos reuníssemos dentro de uma hora para resolvermos isto tudo?

— Pode ser. — Rory viu-a sair e virou-se para trás para sorrir para a irmã. — Ela cheira mesmo bem.

— A sério?

Rory esboçou o seu esplêndido sorriso e oscilou as sobrancelhas. — Muitíssimo bem.

— É demasiado velha para ti... e tem demasiada classe.

— A idade é apenas um estado de espírito, e eu tenho muita classe quando preciso. Não que eu tenha intenção de ir por esse caminho — acrescentou ele. — Estava só a fazer uma constatação. — Levantou-se. — Sabes, posso vender isto muito bem.

Era verdade, pensou ela. E fá-lo-ia. — Garante que pelo menos cobres os custos — advertiu-o ela.

— Materialista.

— Sonhador. Vai. Tenho de trabalhar.

Mais agora, pensou ela, olhando novamente para o ecrã do computador e para a composição da brochura atual.

Iam precisar de alterar o *layout* com aquela adição às promoções e eventos, e fazer tudo isso com antecedência suficiente para conseguirem bastantes reservas.

Bodine agarrou no telefone para ligar ao *designer*.

Rory e Jessica, com uma ajuda de Maureen, foram fiéis à sua palavra. Às cinco da tarde, Bodine tinha em cima da mesa uma proposta consistente e uma maquete com o *design*, o texto e os valores.

Retocá-la, aprová-la e enviar a versão aprovada ao *designer* consumiu-lhe mais uma hora, mas ela considerou esse tempo bem gasto.

Quando saía depois do dia de trabalho, olhou para o Salão de Jantar e passou os olhos pelos automóveis e carrinhas no estacionamento. Vários *Kia* e um bom número de SUV, carrinhas e automóveis de clientes que não estavam hospedados na estância.

Nada mal.

Também ela queria jantar, e descansar um bocado quando não tinha nada por resolver. Talvez se deitasse cedo.

Depois de estacionar no rancho, agarrou na pasta e entrou no vestíbulo delineando mentalmente o programa para aquela noite:

Copo de vinho.

Jantar.

Longo duche quente.

Um par de horas embrenhada num livro.

Dormir.

Parecia-lhe simplesmente perfeito.

Sentiu o cheiro à lasanha de Clementine, estava segura disso, e decidiu que Deus existia.

Quando entrou na cozinha, Clementine, com o seu metro e oitenta de magreza e a sua postura de «comes-tudo-até-ao-fim-sem-respingar», soltou uma das suas sonoras gargalhadas.

— Rapaz, tu não mudaste nem um bocadinho.

— Nada neste mundo nem no próximo poderia alterar o meu profundo e eterno amor por ti.

Bodine conhecia aquela voz, aquele tom sedutoramente melífluo, e dirigiu o olhar para onde Callen Skinner estava encostado ao balcão, a beber uma cerveja enquanto Clementine enchia a máquina de lavar louça.